

tempestade de guerra
parte um
victoria aveyard

Tradução de Teresa Martins de Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

aos meus pais, aos meus amigos, a mim, e a vocês



A

127

B

122

C

117

D

112

E

107

F

102

70

1

60

2

50

3

40

4

30

5

20

6

10

7

A

117

B

112

C

107

D

102

E

97

F

92

Rio Mizoura

Rio Paraiso

MONTFORT

Rio dos Canions

Os Portões Pintados

PRAIRIE

Rio Crane

Rio Arca

Vigia

Rion Pecosa

Rion Grande

TERRAXES

Rion Roja

Rion

Brazos

Rion Sabinas

Taurine

Lasmaderas

Geminas

Damon

Horizon

Mizoura

LAVIA

O Rio Grande

Rio Il

Sanctum

Memphia

Mizostium

Rapideso

Ilha de Res

Mar de



CAPÍTULO UM



Mare

A *fundamo-nos em silêncio* por um longo momento. Corvium escancara-se à nossa volta, cheia de gente, mas parecendo vazia.

Dividir para reinar.

As implicações são claras, as linhas nitidamente traçadas. Farley e Davidson encaram-me com igual intensidade, e eu fito-os de volta.

Suponho que Cal não faz ideia, não suspeita sequer, de que a Guarda Escarlate e Montfort não têm de todo intenção de o deixar manter seja que trono for que conquiste. Suponho que ele cuida mais da coroa do que qualquer Vermelho possa pensar. E suponho que não lhe deveria chamar já Cal.

Tiberias Calore. Rei Tiberias. Tiberias Sétimo.

É o nome com que ele nasceu, o nome que usava quando o conheci.

Ladra, chamou-me ele então. Era esse o meu nome.

Quem me dera poder esquecer a última hora. Recuar no tempo só um bocadinho. Fraquejar. Tropeçar. Desfrutar um segundo mais desse estranhamente bem-aventurado lugar em que a única coisa que sentia era a dor dos músculos cansados e ossos reparados. O vazio após a adrenalina da batalha. A certeza do seu amor e apoio. E mesmo com o coração destroçado, não consigo odiá-lo pela sua escolha. A raiva virá mais tarde.

O rosto de Farley é trespassado de preocupação. Parece coisa estranha nela. Estou mais acostumada à fria determinação ou ira vermelha da parte

de Diana Farley. Ela dá por mim a fitá-la e assinala-o com um trejeito da boca marcada por uma cicatriz.

— Eu transmitirei a decisão de Cal ao restante Comando — diz, quebrando a silenciosa tensão. As suas palavras são baixas e calculadas. — Só ao Comando. A Ada será portadora da mensagem.

O presidente de Montfort baixa o queixo em concordância. — Bom. Penso que os generais Tambor e Cisne poderão ter já uma ideia destes desenvolvimentos. Têm vindo a vigiar a rainha Lerolan desde que ela entrou em campo.

— Anabel Lerolan esteve na corte de Maven tempo suficiente, pelo menos algumas semanas — replico. Não sei como, a voz não me treme. As palavras soam fluidas, plenas de vigor. Tenho de parecer forte, ainda que não o sinta neste momento. É uma mentira, mas uma boa mentira. — Ela provavelmente tem mais informação do que a que eu alguma vez vos dei.

— Provavelmente — diz Davidson com um pensativo inclinar de cabeça. Fixa o chão de olhos semicerrados. Não rebuscando, mas focando-se. Um plano desenrola-se à sua frente. O caminho que nos espera não será fácil. Uma criança sabê-lo-ia. — Razão pela qual tenho de voltar lá para cima — acrescenta, quase desculpando-se. Como se eu pudesse ficar zangada com ele por fazer o que tem de fazer. — Ouvidos e olhos abertos, sim?

— Ouvidos e olhos abertos — respondemos eu e Farley em unísono, surpreendendo-nos uma à outra.

Ele deixa-nos, saindo da viela. O sol lampeja no seu lustroso cabelo grisalho. Teve o cuidado de se arranjar após a batalha, lavando o suor e as cinzas, substituindo o uniforme manchado de sangue por outro. Tudo para apresentar a sua costumada pose calma, recolhida e estranhamente comum. Sábia decisão. Os Prateados devotam tanta energia à sua aparência, ao falso orgulho de visíveis força e poder. E nenhuns tanto como o rei Samos e a sua família na torre acima de nós. Ao lado de Volo, Evangeline, Ptolemus e a sibilante rainha Viper, mal se dá por Davidson. Ele poderia diluir-se nas paredes se quisesse. *Não darão por ele a chegar. Não darão por nós a chegar.*

Inspiro tremulamente e engulo, forçando o pensamento seguinte. *Nem Cal dará.*

Tiberias, dardejo de mim para mim. Um punho cerra-se, cravando as unhas na carne com uma ferroadada satisfatória. *Chama-lhe Tiberias.*

As muralhas negras de Corvium parecem estranhamente silenciosas e nuas sem o cerco. Viro costas à figura de Davidson em retirada para avaliar

os baluartes que circundam a muralha interior da cidade-fortaleza. O ataque-nevasca *shiver*¹ há muito acabou, a escuridão levantou-se, e tudo aqui parece mais pequeno agora. Menos imponente. Os soldados Vermelhos eram arrebanhados através desta cidade, na sua maioria marchando para a morte inevitável numa trincheira. Agora são Vermelhos que patrulham as muralhas, as ruas, os portões. Vermelhos sentam-se lado a lado de reis Prateados a falar de guerra. Uns quantos soldados com lenços carmesins andam para trás e para diante, olhos dardejando, armas bem usadas a postos na mão. A Guarda Escarlate não será apanhada desprevenida, embora pouca razão tenha para estar tão tensa. Por agora, seja como for. Os exércitos de Maven bateram em retirada. E nem mesmo Volo Samos é suficientemente arrojado para tentar um ataque do interior de Corvium. Não quando precisa da Guarda, precisa de Montfort, precisa de nós. E especialmente não com Cal — *Tiberias, sua imbecil* — e toda a sua vazia conversa de igualdade. Tal como nós, Volo precisa dele. Precisa do seu nome, precisa da sua coroa e precisa da sua maldita mão nesse maldito casamento com a sua maldita filha.

Tenho o rosto a arder. Sinto-me envergonhada pelo penacho de ciúme que se eleva dentro de mim. Perdê-lo deveria ser a menor das minhas aflições. Perdê-lo não deveria doer tanto como a possibilidade de morrer, de perdermos a nossa guerra, de deixar que tudo pelo que trabalhámos fosse em vão. Mas dói. Tudo o que posso fazer é tentar suportá-lo.

Porque não disse eu que sim?

Virei costas à sua oferta. A ele. Fui dilacerada por outra traição — traição de Cal, mas igualmente minha. *Amo-te* é uma promessa que ambos fizemos, e ambos quebrámos. Deveria significar *Escolho-te acima de tudo o resto. Quero-te mais. Preciso de ti sempre. Não posso viver sem ti. Tudo farei para impedir que as nossas vidas se apartem.*

Mas ele não o faria. E eu não o farei.

Eu sou menos que a sua coroa, e ele é menos que a minha causa.

E menos, de longe menos, que o meu medo de outra jaula. *Consorte*, disse ele, oferecendo-me uma coroa impossível. Ele faria de mim uma rainha, se Evangeline pudesse ser posta de lado *outra vez*. Eu sei já como é o mundo à direita de um rei. Não estou interessada em viver essa vida outra vez. Ainda que Cal não seja Maven, o trono continua a ser o mesmo. Muda as pessoas, corrompe-as.

Que estranho destino teria sido esse. Cal com a sua coroa e a sua rainha

¹ Calafrio ou arrepio. (N. da T.)

Samos e eu. Contra a minha vontade, uma pequena parte de mim desejaria que eu tivesse dito sim. Teria sido fácil. Uma oportunidade de deixar para lá, recuar, *vencer* — e desfrutar de um mundo com o qual nunca poderia ter sonhado. Dar à minha família a melhor vida possível. Manter-nos todos a salvo. E ficar com ele. Postar-me ao lado de Cal, uma rapariga Vermelha com um rei Prateado pelo braço. Com o poder de mudar o mundo. De matar Maven. De dormir sem pesadelos, e viver sem medo.

Mordo o lábio com força para afugentar a ânsia. É sedutora, e quase entendo a escolha dele. Mesmo dolorosamente apartados, combinamos um com o outro.

Farley mexe-se audivelmente, chamando a minha atenção. Suspira apoiando as costas à parede da viela, com os braços cruzados no peito. Ao contrário de Davidson, não se incomodou a despir o uniforme ensanguentado. O seu não está tão nojento como o meu, livre de lama e esterco. Está suja de sangue prateado, claro está, agora seco e enegrecido. Passaram-se apenas umas semanas desde que Clara nasceu, e ela assume orgulhosamente os resquícios de peso acrescido em torno das ancas. Fosse qual fosse a comiseração que ela tinha desaparece, substituída por uma faiscante raiva nos seus olhos azuis. Não dirigida a mim, não. Olha para o céu, para a torre acima de nós. Onde o estranho conselho de Prateados e Vermelhos tenta agora decidir os nossos destinos.

— Era ele que lá estava. — Ela não espera que eu pergunte quem. — Cabelo prateado, pescoço grosso, armadura ridícula. E sabe-se lá como a respirar ainda, conquanto tivesse trespassado com uma lâmina o coração do Shade.

As minhas unhas cravam-se mais fundo ao pensamento de Ptolemus Samos. Príncipe da Brecha. O assassino do meu irmão. Tal como Farley, sinto uma súbita raiva também. E igual acesso de vergonha.

— Sim.

— Porque tu fizeste um trato com a irmã dele. A tua liberdade pela vida dele.

— Pela minha vingança — balbucio em admissão. — E, sim, dei a minha palavra a Evangeline.

Farley arreganha os dentes, a sua repulsa evidente. — Deste a tua palavra a uma Prateada. Essa promessa vale menos que cinzas.

— Mas é uma promessa, ainda assim.

Ela emite um som gutural do fundo da garganta, como um rugido. Firma os ombros largos e vira o corpo bem de frente para a torre.

Pergunto-me quanta contenção lhe será necessária para a impedir de marchar de volta até lá acima e arrancar das órbitas os olhos de Ptolemus. Eu não a deteria se ela pudesse fazê-lo. De facto, puxaria de uma cadeira para assistir.

Deixo que o meu punho se abra ligeiramente, pondo fim ao agulhão de dor. Calmamente, dou um passo em frente, transpondo o espaço entre nós. Após uma fração de segundo de hesitação, pouso-lhe uma mão no braço. — Uma promessa que *eu* fiz. Não tu. Nem mais ninguém.

Farley imobiliza-se ligeiramente, e o seu rosnydo transforma-se num sorriso malicioso. Vira-se para olhar para mim de chofre, os seus olhos azuis brilhantes refletindo um raio de sol. — Acho que poderias estar mais talhada para a política do que para a guerra, Mare Barrow.

Brindo-a com um sorriso sofrido. — São a mesma coisa. — Uma dura lição que acho finalmente ter aprendido. — Achas que consegues fazê-lo? Matá-lo?

Outrora, teria esperado que ela troçasse e desdenhasse de caras à insinuação de que não fosse capaz. Farley é uma mulher rija com uma concha mais rija ainda. É o que precisa ser. Mas algo — provavelmente Shade, definitivamente Clara, o laço que agora nos une — me dá um vislumbre para além do seu empedernido e seguro exterior de general. Ela fraqueja, o seu malicioso sorriso esbatendo-se ligeiramente.

— Não sei — murmura. — Mas nunca serei capaz de olhar para mim mesma, de olhar para Clara, se não tentar.

— Nem eu, se te deixar morrer na tentativa. — Aperto-lhe o braço com mais força. — Por favor, não te armes em estúpida com isto.

Qual interruptor que se acende, o seu sorriso regressa em toda a força. Até pisca o olho. — Desde quando é que eu sou estúpida, Mare Barrow?

Olhar para ela, mais alta que eu, arrepanha-me as cicatrizes na nuca, cicatrizes de que quase me esqueci. A dor que elas provocam parece pequena comparada com tudo o resto. — Pergunto-me apenas onde isso acabará — murmuro, esperando fazê-la entender.

Ela abana a cabeça. — Não posso responder a uma pergunta com demasiadas respostas.

— Quero dizer... com Shade. Ptolemus. Mata-lo, e depois? A Evangeline mata-te a ti? Mata a Clara? Eu mato a Evangeline? E por aí em diante, sem parar? — A morte não me é estranha, mas isto parece-me singularmente diferente. Fins calculados. Parece algo que Maven faria, não nós. Embora Farley há muito tivesse marcado Ptolemus para morrer,

quando me mascarava como Mareena Titanos, isso era pela Guarda. Por uma causa, por outra coisa que não cega e sangrenta vingança.

Os olhos dela arregalam-se, vibrantes e impossíveis. — Queres que o deixe viver?

— Claro que não — quase respingo. — Não sei o que quero. Não sei do que estou a falar. — As palavras trambolham uma sobre a outra. — Mas posso ainda assim interrogar-me, Farley. Sei o que a vingança e a raiva podem fazer a uma pessoa, a quem nos rodeia. E naturalmente não quero que a Clara cresça sem mãe.

Ela vira-se bruscamente, ocultando o rosto. Mas não suficientemente rápido para ocultar um súbito assomar de lágrimas. Não chegam a cair. Com um safanão do ombro, ela afasta-me.

Insisto. Tenho de fazê-lo. Ela precisa de ouvir isto. — Ela já perdeu o Shade, e se lhe dessem a escolher entre vingar o pai e ter a mãe viva... sei o que ela escolheria.

— Por falar em escolhas — remói da boca para fora, ainda sem olhar para mim. — Estou orgulhosa da que fizeste.

— Farley, não mudes de assunto...

— Ouviste-me, rapariga-relâmpago? — Funga e força um sorriso, virando-se de novo e revelando um rosto agora bem vermelho e manchado. — Eu disse que estou orgulhosa de ti. Toma bem nota disso. Memoriza-o. Provavelmente não voltarás a ouvi-lo.

Contra minha vontade, solto uma risadinha sombria. — Ótimo. Orgulhosa de quê exatamente?

— Bem, para além do teu sentido de moda — esfrega-me o ombro, sacudindo um pedaço de porcaria — e, claro está, da tua afável e calma disposição...

Outra risadinha.

— ...Estou orgulhosa de ti porque sei o que é perder a pessoa que se ama. — Desta vez agarra-me pelo braço, provavelmente para que eu não possa fugir de uma conversa que não me parece que esteja preparada para ter.

Mare, escolhe-me. As palavras foram ditas apenas há uma hora. Assombram-me tão facilmente.

— Senti-o como uma traição — sussurro.

Foco-me no queixo de Farley para não ter de encará-la nos olhos. A cicatriz no canto esquerdo da sua boca é profunda, repuxando-lhe ligeiramente os lábios para o lado. Um nítido arrastar. Facada. Não a tinha quando a conheci, à luz de uma vela azul na velha carroça de Will Whistle.

— Da parte dele? Claro...

— Não. Não da parte dele. — Uma nuvem atravessa o céu lá no alto, projetando sombras movediças sobre nós. A brisa estival sopra singularmente fria. Arrepio-me com ela. Como que por instinto, anseio por Cal e pela sua presença cálida. Ele nunca me deixava ter frio. O estômago revolte-se-me ao pensamento, agoniada ao pensar naquilo a que ambos virámos costas. — Ele fez-me promessas — continuo —, mas eu fiz-lhe promessas também. Quebrei-as. E ele tem outras promessas a manter. Para consigo próprio, para com o pai morto. Ele amava a coroa antes de me amar a mim, saiba-o ou não. E, no fim, ele acha que está a fazer a coisa certa para nós, para *todos*. Como posso realmente culpá-lo por isso?

Num esforço de vontade, olho Farley nos olhos e procuro. Ela não tem resposta para mim, pelo menos não uma que me agradasse. Os seus dentes mordem o lábio, reftreando seja o que for que quer dizer. Não resulta.

Troça, tentando ser a sua versão de gentileza. Tão espinhosa como sempre. — Não peças desculpa por ele e pelo que ele é.

— Não o faço.

— Mas certamente parece — suspira ela, exasperada. — Um rei diferente *ainda assim* é um rei. Bem podia ser um tijolo, mas isso sabe ele.

— Talvez pudesse ter sido a coisa certa para eu fazer. Pelos Vermelhos. Quem sabe o que poderia uma rainha Vermelha ter feito?

— Muito pouco, Mare. Se alguma coisa de todo — diz ela com fria certeza. — Qualquer mudança que pudesse advir de se pôr uma coroa na tua cabeça seria demasiado lenta, demasiado pequena. — A sua voz suaviza-se. — E por de mais fácil de desfazer. Não perduraria. Fosse o que fosse que fizéssemos, morreria contigo. Não entendas isto mal, mas o mundo que queremos edificar tem de sobreviver a nós.

Para os que vêm a seguir.

Os olhos de Farley perscrutam-me penetrantes, intensos com o seu foco quase inumano. Clara tem os olhos de Shade, não de Farley. Mel, não oceano. Pergunto-me que pedaços dela pertencerão um dia a Farley ou a Shade.

A brisa agita o cabelo tosquiado de fresco de Farley, ouro escuro na sombra das nuvens. Sob as cicatrizes, ela é jovem ainda, apenas mais uma filha da guerra e da ruína. Ela viu pior que eu, fez mais do que eu alguma vez fiz. Sacrificou e sofreu mais também. A mãe, a irmã, o meu irmão e amor da sua vida. Quem quer que sonhasse ser quando era menina. Tudo se foi. Se ela consegue persistir em frente, acreditando ainda no que fazemos,

também eu consigo. Por muitas turras que demos, confio em Farley. E as suas palavras são um conforto não familiar, mas de que necessito. Já passei tanto tempo na minha própria cabeça, discutindo comigo mesma, que começo a ficar farta.

— Tens razão. — Algo dentro de mim se solta, permitindo que o estranho sonho da oferta de Cal desapareça num redemoinho na escuridão. Para jamais regressar.

Não serei uma rainha Vermelha.

Farley dá-me um aperto quase doloroso no ombro. Apesar dos curadores, ainda estou dorida, e ela ainda tem uma mão demasiado forte. — Além disso — acrescenta —, não serias tu a ocupar o trono. A rainha Lerolan e o rei da Brecha foram muito claros. Seria ela, a rapariga Samos.

Bufo com a ideia. Evangeline Samos tornou as suas intenções mais que óbvias na câmara do conselho. Admira-me que Farley não tivesse reparado. — Não se ela puder evitá-lo.

— Humm? — O olhar dela aguça-se e eu encolho os ombros.

— Viste o que ela fez lá dentro, a forma como te provocou. — A lembrança ainda fresca passa num lampejo. Evangeline chamando uma serviçal Vermelha diante de toda a gente, estilhaçando um copo, forçando a pobre criada a limpar o chão, simplesmente por capricho. Para enfurecer qualquer pessoa de sangue vermelho presente na sala. Não é difícil perceber porque o fez, ou o que esperava obter. — Ela não quer fazer parte desta aliança, não quando isso significa que tem de casar com... Tiberias.

Para variar, Farley parece ter sido apanhada desprevenida. Pestaneja, perplexa. Embora intrigada. — Mas ela está de volta onde estava. Joguei... quero dizer, não pretendo entender o comportamento Prateado de todo, mas ainda assim...

— Evangeline é agora uma princesa de pleno direito, com tudo o que sempre quis. Não me parece que queira voltar atrás para ser o apêndice de alguém. Isso é tudo o que o noivado de ambos sempre foi para ela. E para ele — acrescento, com uma pontada no coração. — Uma combinação de poder. Poder que ela já tem agora, ou — as palavras fraquejam-me ligeiramente — poder que ela já não quer. — Penso em Evangeline, no tempo que passei com ela no Fogo Branco. Ficou aliviada quando Maven se casou com Iris Cygnet em vez dela. E não só por ele ser um monstro. Acho que por... haver outra pessoa de quem ela gostava mais. Mais do que de si própria ou da coroa de Maven.

Elane Haven. Depois de a sua casa se rebelar contra ele, lembro-me

de Maven lhe ter chamado meretriz de Evangeline. Não dei por Elane no conselho, mas grande parte da Casa Haven apoia a Casa Samos, a ela aliada. Todos eles *shadows*², capazes de desaparecer à sua vontade. Suponho que Elane poderá ter estado lá o tempo todo que eu nem sequer o saberia.

— Achas que ela tentaria *desfazer* o trabalho do pai? Se pudesse? — Farley assemelha-se, e de que maneira, a um gato que acabou de apanhar um rato particularmente gordo para a ceia. — Se alguém... a *ajudasse*?

Cal não renegou a coroa por amor. Mas Evangeline fá-lo-ia?

Algo me diz que porventura o faria. Todo o seu manobrar, a silenciosa resistência, o pisar o gume da navalha.

— É possível. — As palavras assumem um novo significado para nós. Um novo peso. — Ela tem as suas motivações. E acho que isso nos dá uma ligeira vantagem.

Os lábios de Farley recurvam-se, assumindo a sombra de um verdadeiro sorriso. Apesar de tudo o que aprendi, sinto um súbito acesso de esperança. Ela dá-me um murro no braço, com um sorriso de orelha a orelha.

— Bem, Barrow, toma lá bem nota outra vez. Estou orgulhosa à brava de ti.

— Até provo a minha utilidade de tempos a tempos.

Ela solta uma risada e afasta-se, acenando para que a siga. A avenida fora da viela chama-nos, as suas lajes reluzindo à medida que os últimos restos de neve se derretem sob o sol de verão. Hesito, relutante em deixar este recanto de segura escuridão. O mundo para além deste exíguo espaço ainda parece demasiado grande. A muralha interior de Corvium assoma, e a torre do núcleo eleva-se no meio de tudo. Com uma respiração trémula, forço-me a mexer. O primeiro passo dói. Bem como o segundo.

— Não tens de voltar lá para cima — resmungo Farley, pondo-se ao meu lado. Lança à torre um olhar fulgurante. — Far-te-ei saber em que pé ficam as coisas. Davidson e eu tratamos de tudo.

O pensamento de voltar para a câmara do conselho, de sentar-me lá em silêncio enquanto Tiberias me lança à cara tudo o que já fizemos — não sei se consigo suportá-lo. Mas tenho de fazê-lo. Eu reparo em coisas que os outros não conseguem ver. Sei coisas que os outros não sabem. Tenho de voltar. Pela causa.

E por *ele*.

Não posso negar quanto quero voltar por ele.

— Quero saber tudo o que vocês sabem — sussurro para Farley.

² Sombras. (N. da T.)

— Tudo o que Davidson tem planeado. Não me vou meter no que quer que seja às cegas.

Ela concorda rapidamente. Quase demasiado rapidamente. — Claro.

— Estou à vossa disposição. Seja de que forma for. Sob uma condição.

— Di-la.

Os meus passos abrandam e ela acerta o andamento pelo meu. — Ele vive. No fim disto tudo.

Como um cão confundido, ela inclina a cabeça de lado.

— Quebrem-lhe a coroa, quebrem-lhe o trono, deem-lhe cabo da monarquia — fito-a com quanta força tenho. Os relâmpagos no meu sangue respondem com fervor, implorando por escape. — Mas Tiberias vive.

Farley inspira de um trago cauterizante, endireitando-se a toda a sua formidável altura. Sinto que ela consegue ver através de mim. Até ao meu imperfeito coração. Aguento firme. Conquistei o direito.

A voz dela vacila. — Não posso fazer essa promessa. Mas tentarei. Certamente que tentarei, Mare.

Pelo menos não me mente.

Sinto-me cortada em duas, dividida em direções diferentes. Uma pergunta óbvia paira-me na mente. Outra escolha que eu porventura precisarei fazer. *A vida dele ou a nossa vitória?* Não sei que lado escolherei, se alguma vez tiver de fazê-lo. Que lado acaso trairei. A faca desse saber corta fundo, e sangro onde mais ninguém pode ver.

Suponho que era a isto que o vidente se referia. Jon falava muito pouco, mas tudo o que ele dizia tinha um sentido calculado. Por mais que não o queira, suponho que tenho de aceitar o destino que ele profetizou.

Erguer-me.

E erguer-me sozinha.

As lajes rolam debaixo de mim, passando a cada passo. A brisa levanta-se de novo, soprando de oeste desta vez. Carrega consigo o inconfundível travo de sangue. Luto contra a ânsia de vomitar quando tudo volta de supetão. O cerco. Os cadáveres. O sangue de uma e outra cor. O meu pulso estalando sob o aperto de um *stoneskin*³. Pescoços partidos, peitos obliterados em explosões de carne, órgãos luzidios e osso estilhaçado. Na batalha foi fácil desligar-me de tal horror. Necessário, mesmo. O medo apenas teria levado à minha morte. Não mais. O meu coração bate três vezes mais depressa e um suor frio irrompe-me pelo corpo todo. Mesmo que tenhamos sobrevivido e *vencido*, o terror da perda rasgou ravinas dentro de mim.

³ Pele de pedra ou empedernido. (N. da T.)

Ainda posso senti-los. Os nervos, os trilhos elétricos que os meus relâmpagos sulcaram em cada pessoa que matei. Quais finos e refulgentes ramos, cada qual diferente mas também igual. Demasiados para contar. De uniformes vermelhos e azuis, de Nortans e Lakelanders. Todos Prateados.

Espero eu.

A possibilidade atinge-me como um murro nas entranhas. Maven já antes usou Vermelhos como carne para canhão, ou como escudos humanos. Nem pensei nisso sequer. Nenhum de nós pensou — ou talvez os outros não se tenham ralado. Davidson, Cal, talvez mesmo Farley, se pensou que o resultado valia o custo.

— Ei — murmura ela, tomando-me o pulso. A sua pele na minha faz-me dar um salto, os seus dedos circundando-me como um grilhão. Sacudo-a à força, afastando-me com o que soa a um rosnido. Coro, embaraçada por ainda reagir assim.

Ela recua, palmas ao alto, olhos arregalados. Mas sem medo, sem julgamento. Nem sequer piedade. Será *compreensão* o que vejo nela? — Desculpa — diz rapidamente. — Esqueci-me dos pulsos.

Mal aceno com a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos para ocultar as faíscas púrpura nas pontas dos meus dedos. — Tudo bem. Não é sequer...

— Eu sei, Mare. Acontece quando abrandamos. O corpo começa de novo a processar mais. Por vezes é demasiado, e não há vergonha nisso. — Farley inclina a cabeça, acenando para longe da torre. — Não é vergonha nenhuma tirar um tempo de folga também. As casernas estão...

— Havia Vermelhos lá? — Aceno inexpressivamente, na direção do campo de batalha e das agora destruídas muralhas de Corvium. — Maven e os Lakelanders enviaram soldados Vermelhos com os restantes?

Farley pestaneja, verdadeiramente abalada. — Não que eu tenha conhecimento — responde finalmente, e oiço-lhe o mal-estar. Ela também não sabe. Ela não *quer* saber, nem eu tão-pouco. Não consigo tolerá-lo.

Giro nos calcanhares, forçando-a a acompanhar o meu passo para variar. Faz-se silêncio de novo, este agora a transbordar de raiva e vergonha em igual medida. Rendo-me a elas, torturando-me. A recordar esta repulsa e dor. Mais batalhas virão. Mais gente morrerá, independentemente da cor do seu sangue. É a guerra. É a revolução. E outros serão apanhados no fogo cruzado. Esquecer é condená-los de novo, e condenar outros que virão.

Quando subimos os degraus da torre, mantenho as mãos firmemente cerradas nos bolsos. O espigão de um brinco fere-me a carne, a pedra

vermelha morna contra a minha mão. Deveria mandá-lo por uma janela fora. Se há coisa que devo esquecer, é ele.

Mas o brinco permanece.

Lado a lado, entramos na câmara do conselho outra vez. As orlas da minha visão turvam-se, e tento encaixar-me num lugar familiar. Observar. Memorizar. Procurar frestas nas palavras ditas, encontrar segredos e mentiras no que elas deixam por dizer. É tanto uma meta como uma distração. E apercebo-me porque estava eu tão determinada a voltar aqui, mesmo quando tinha todo o direito de fugir.

Não porque isto seja importante. Não porque eu possa ser útil.

Mas porque sou egoísta, fraca e medrosa. Não posso estar sozinha comigo mesma, não agora, não ainda.

Por isso sento-me, e escuto, e observo.

E, através de tudo isso, sinto os olhos dele.

CAPÍTULO DOIS



Evangeline

Seria fácil matá-la.

Hastes de ouro rosa serpenteiam entre as joias vermelhas, negras e cor de laranja no pescoço de Anabel Lerolan. Um jeito de mão e poderia abrir a jugular da *oblivion*⁴. Esvair de sangue o seu corpo e a sua maquinação. Pôr fim à sua vida e ao seu noivado diante de toda a gente na sala. Da minha mãe, do meu pai, de Cal — para não falar dos criminosos Vermelhos e aberrações estrangeiras a quem nos achamos amarrados. Não da Barrow, contudo. Ela ainda não regressou. Provavelmente pranteando ainda o seu príncipe perdido.

Significaria outra guerra, claro está, estilhaçar uma aliança já disseminada de frestas. Conseguiria eu fazer tal coisa — trocar as minhas lealdades por felicidade? Parece vergonhoso até colocar a questão, mesmo na segurança da minha própria cabeça.

A velha deve sentir o meu olhar. Os seus olhos tremulam direitos a mim por um segundo, o sorriso malicioso inconfundível nos seus lábios quando se recosta na cadeira, resplandecente de vermelho, negro e laranja.

Essas são as cores dos Calore, não apenas de Lerolan. As suas fidelidades são abrasivamente claras.

Com um arrepio, baixo o olhar e foco-me nas minhas mãos. Tenho uma unha horrivelmente rachada. Quebrada na batalha. Com um alento, moldo um dos meus anéis de titânio numa garra. Bato com ela contra o

⁴ Esquecimento, letargia. (N. da T.)

braço do meu trono, nem que seja para irritar a Mãe. Ela olha-me de relance pelo canto do olho, única evidência do seu desdém.

Fantasio em matar Anabel um bocadinho de tempo a mais, perdendo o rumo do conselho enquanto eles maquinam nos seus miseráveis círculos. Os nossos números diminuíram, deixando apenas os circunspetos líderes das nossas fações unidas à pressa. Generais, nobres, capitães e realeza. O líder de Montfort fala, depois o Pai, a seguir Anabel, e de volta de novo. Tudo em tons contidos, forçando sorrisos falsos e promessas vazias.

Quem me dera que Elane aqui estivesse. Deveria tê-la trazido. Ela pediu para vir. Na verdade, implorou. Elane sempre quis manter-se perto, mesmo em face de perigo letal. Tento não pensar nos últimos momentos que passámos juntas, do seu corpo nos meus braços. Ela é mais magra que eu, mas mais flexível. Ptolemus esperou à porta do meu quarto, certificando-se de que não éramos incomodadas.

«Deixa-me ir contigo», sussurrou-me ao ouvido, uma dezena, uma centena de vezes. Mas o pai dela e o meu proibiram-no.

Chega, Evangeline.

Amaldiçoo-me agora. Eles jamais teriam sabido no meio do caos. Elane é uma *shadow*, afinal de contas, e uma rapariga invisível é fácil de passar clandestinamente. Tolly teria ajudado. Não impediria a sua mulher de nos acompanhar, não se eu lhe pedisse ajuda. Mas não pude. Havia uma batalha a ser ganha primeiro, uma batalha que eu não sabia se podíamos ganhar. E não estava disposta a correr esse risco com ela. Elane Haven é talentosa, mas não é guerreira. E no mais aceso de tudo, ela seria apenas uma distração e uma preocupação para mim. Não me podia dar ao luxo então nem de uma nem de outra. Mas agora...

Para com isso.

Os meus dedos enrolam-se nos braços do trono, implorando por trincar o ferro em pedaços esfarrapados. Em casa, as muitas galerias de metal da Casa da Cumeeira constituíam uma boa terapia. Podia destruir em paz. Canalizar qualquer acesso de fúria para estátuas em constante mutação, sem ter de preocupar-me com o que iria toda a gente pensar. Interrogo-me se porventura encontrarei alguma privacidade aqui em Corvium para fazer isso mesmo. A promessa de tal libertação mantém-me sã. Raspo o anel em garra na cadeira, metal sobre metal. Suficientemente baixinho para que só a Mãe oiça. Ela não me pode repreender por isso, não diante do nosso restante estranho conselho. Se é que tenho de estar em exibição, bem posso gozar as poucas vantagens.

Finalmente, arranco à força os meus pensamentos do vulnerável peçoço de Anabel e da ausência de Elane. Se é que vou arranjar uma saída para o plano do meu pai, tenho de no mínimo prestar atenção.

— O exército deles está em retirada. Não podemos dar às forças do Rei Maven tempo para se reagruparem — diz o Pai friamente. Atrás dele, as janelas altas da torre mostram o Sol que inicia a sua descida para dentro das nuvens que ainda perduram no horizonte ocidental. A paisagem obliterada fumega ainda. — Ele está a lamber as feridas.

— O rapaz já está no Caldeirão — apressa-se a rainha Anabel a replicar. *O rapaz*. Ela refere-se a Maven como se não fosse seu neto. Suponho que não o admita já. Não depois de ele ter ajudado a matar o seu filho, o Rei Tiberias. Maven não é do seu sangue, mas do de Elara e Elara apenas.

Anabel inclina-se para diante sobre os cotovelos, entrelaçando as mãos enrugadas. A sua velha aliança de casamento, amachucada mas reluzente, tremula-lhe num dedo. Quando ela nos apanhou a todos de surpresa na Casa da Cumeeira, anunciando a sua intenção de apoiar o neto, não usava qualquer metal. Para se esconder dos nossos sentidos de *magnetrons*⁵. Agora ostenta-o abertamente, desafiando-nos a usar a sua coroa ou as suas joias contra si. Cada parte dela é uma escolha calculada. E não está destituída de armas. Anabel era uma guerreira antes de ser rainha, oficial na frente Lakelander. É uma *oblivion*, e o seu toque é mortal, capaz de obliterar e fazer explodir algo — ou *alguém*.

Se eu não odiasse aquilo a que ela me está a forçar, respeitaria no mínimo dos mínimos a sua dedicação.

— E a esta hora, a maior parte das suas forças estarão para lá da Catarata das Donzelas e do outro lado da fronteira — acrescenta. — Já estão nas Lakelands.

— O exército Lakelander também está ferido, igualmente vulnerável. Deveríamos atacar enquanto podemos, nem que seja para apanhar os retardatários. — O meu pai olha de Anabel para um dos nossos senhores Prateados. — A frota Laris pode estar a postos dentro de uma hora, não pode?

O Senhor General Laris endireita-se ante o olhar do meu pai. O seu frasco está agora vazio, deixando-o gozar a névoa embriagada da vitória. Tosse, aclarando a garganta. Posso cheirar o álcool no seu hálito do outro lado da câmara. — Pode, Vossa Majestade. Apenas tem de dar o comando.

Uma voz baixa interrompe-o. — Opor-me-ei se o fizer.

⁵ Magnetron — válvula geradora de energia de frequências ultracurtas. (N. da T.)

As primeiras palavras de Cal desde que regressou da sua discussão com Mare Barrow não são certamente desperdiçadas. Tal como a sua avó, ele traça de negro orlado de vermelho, tendo há muito descartado o uniforme emprestado que usou na batalha. Mexe-se no seu assento ao lado de Anabel, assumindo a sua nomeada posição como causa e rei da sua avó. O seu tio, Julian, da Casa Jacos, encontra-se à sua esquerda enquanto a rainha Lerolan ocupa a sua direita. Flanqueado por ambos, Prateados de sangue nobre e poderoso, apresenta uma força unida. Um rei digno do nosso patrocínio.

Odeio-o por isso.

Cal poderia ter posto fim à minha desgraça, desfeito o nosso noivado, recusado a oferta que o Pai lhe fez da minha mão. Mas, pela coroa, descartou Mare. Pela coroa, encurralou-me a mim.

— O quê? — É tudo o que o Pai diz. É um homem de poucas palavras e de ainda menos perguntas. Só o facto de ouvirmos perguntar já é inquietante, e ponho-me tensa contra minha vontade.

Cal endireita os ombros, retesando calmamente o seu arcaboço. Pousa o queixo nos nós dos dedos, as sobrancelhas unidas em reflexão. Parece maior, mais velho, mais inteligente. À altura do rei da Brecha.

— Eu disse que me oporia a uma ordem de despachar a Frota Aérea, ou qualquer destacamento da nossa coligação, para incursão em território hostil — replica Cal firmemente. Tenho de admitir, mesmo sem coroa, ele tem algo de régio em si. Algo que impõe atenção, se não respeito. Não é de admirar, dado que foi treinado para isto, e Cal é mais do que tudo um aluno muito obediente. A sua avó franze os lábios num contido mas genuíno sorriso. Tem orgulho nele. — O Caldeirão é literalmente ainda um campo minado, e nós temos muito pouca informação secreta para nos guiar do outro lado das cataratas. Poderia ser uma armadilha. Não arriscarei soldados nela.

— Cada pedaço desta guerra é um risco — oiço Ptolemus dizer do outro lado do meu pai. Retesa-se como Cal fez, elevando-se a toda a sua altura no seu trono. O sol poente empresta ao cabelo de Tolly um matiz avermelhado, fazendo os seus oleados caracóis prateados refulgir sob a coroa de príncipe. A mesma luz banha Cal com as cores da sua casa, vermelho nos olhos enquanto sombras negras se alongam atrás dele. Um e outro sustêm o olhar à estranha maneira dos homens. *Tudo é uma competição*, troço de mim para mim.

— Que perspicácia, Príncipe Ptolemus — diz Anabel, num tom seco.

— Mas Sua Majestade, o rei de Nortá, está bem ciente do que a guerra é. E eu concordo com a sua opinião.

Ela já lhe chama rei. Eu não sou a única a reparar na sua escolha de palavras.

Cal baixa os olhos, aturdido. Recupera rapidamente, o maxilar cerrado de resolução. A sua escolha já está feita. *Já não há volta a dar, Calore.*

O presidente de Montfort, Davidson, assente do seu lugar à sua própria mesa. Sem a comandante da Guarda Escarlate e Mare Barrow, ele é fácil de ignorar. Eu quase me esquecera por completo dele.

— Concordo — diz. Até a sua voz é branda, sem inflexão ou ênfase. — Os nossos exércitos também precisam de tempo para recuperar, e esta *coligação* precisa de tempo para encontrar... — Detém-se, a pensar. Ainda não consigo ler a sua expressão, e isso incomoda-me até mais não. Interrogo-me se até um *whisper*⁶ conseguiria passar sorrateiramente através dos seus escudos mentais. — Equilíbrio.

A Mãe não é tão estoica como o meu pai, e fixa-se no líder sanguenovo com o seu olhar negro cauterizante. A sua cobra imita-lhe o gesto, pestanejando para o presidente. — Então não há informação secreta, não há espões do outro lado da fronteira? Perdoe-me, senhor, mas eu tinha a impressão de que a Guarda Escarlate — quase cospe da boca para fora — possuía uma intrincada rede de espionagem tanto em Nortá como nas Lakelands. Certamente que serão úteis, a menos que os Vermelhos não façam jus a quem são e à sua *força*. — As suas palavras destilam repulsa como veneno de presas.

— Os nossos operacionais estão em ordem, Vossa Majestade.

A general Vermelha, a mulher loura com o permanente sorriso de escárnio, entra de rompante na sala com Mare nos seus calcanhares. Ambas surgem do vão de porta no limite da câmara, atravessando a sala do conselho para se sentarem junto de Davidson. Movem-se rápida e silenciosamente, como se de alguma forma pudessem evitar ser alvo dos olhares da sala inteira.

Enquanto se instala na cadeira, Mare mantém o olhar em frente, fixado em mim, de entre todas as pessoas. Para minha surpresa, sinto uma estranha emoção ante o seu olhar. *Será isto vergonha? Não, não é possível.* Mesmo assim, as minhas faces afogueiam-se. Espero não estar a corar, de raiva ou embaraço. Ambos se revolvem dentro de mim, e por boa razão. Desvio o olhar, virando-me para Cal, nem que seja para me distrair com a única pessoa mais desgraçada do que eu me sinto.

⁶ Sussurro. (N. da T.)

Ele certamente *tenta* parecer inalterado pela presença dela, mas Cal não é o seu irmão. Ao contrário de Maven, Cal é pouco hábil a mascarar as suas emoções. Um rubor prateado assoma-lhe sob a pele, colorindo-lhe as faces, o pescoço e até o cimo das orelhas. A temperatura na sala aumenta ligeiramente, encrespando-se com seja que emoção for com que ele se debate. *Que tolo*, desdenho em pensamento. *Fizeste a tua escolha, Calore. Condenaste-nos a ambos. Podes pelo menos fingir que te aguentas. A haver alguém a enlouquecer de desgosto de amor, deveria ser eu.*

Quase conto que ele desate aos miados como um gatinho perdido. Em vez disso pestaneja furiosamente, despregando os olhos da rapariga-relâmpago. Um punho cerra-se no braço da cadeira, e a pulseira lança-flamas no seu pulso refulge vermelha com o Sol que se põe. Ele controla-se. A pulseira não se inflama, nem ele tão-pouco.

Mare é uma pedra comparada com Cal. Rígida, inabalável, insensível. Nem uma faísca sequer. Simplesmente mantém-se de olhos fitos em mim. É enervante, mas não um desafio. Os seus olhos estão estranhamente destituídos da sua raiva habitual. Não são certamente afáveis, claro, mas também não transbordam de desgosto. Calculo que a rapariga-relâmpago pouca razão tenha para me odiar neste momento. O meu peito comprime-se — saberá ela que isto não foi escolha minha? *Só pode.*

— Que bom estar de volta, Menina Barrow — digo-lhe eu, e falo a sério. Ela é sempre uma garantida distração para os príncipes Calore.

Ela não responde, apenas cruza os braços.

A sua acompanhante, a general da Guarda Escarlata, não está tão inclinada ao silêncio. Infelizmente. Franze o cenho para a minha mãe, tentando o destino. — Os nossos operacionais estão atualmente em revezamento, seguindo o exército do Rei Maven que bate em retirada. Recebemos notícias de que as suas tropas estão em marcha forçada para Detraon, a toda a velocidade. O próprio Maven, e uns quantos dos seus generais, embarcou em navios no Lago Eris. Supostamente destinados a Detraon também. Fala-se num funeral para o rei das Lakelands. E eles têm muito mais curadores do que nós. Quem quer que tenha sobrevivido à batalha estará de novo capaz de combater mais rapidamente do que nós.

Anabel franze o cenho, lançando um olhar fulgurante ao Pai. — Sim, a Casa Skonos ainda permanece dividida entre as nossas fações, com a maioria permanecendo leal ao usurpador. — *Como se isso fosse culpa nossa. Fizemos o que pudemos, convencemos quem pudemos.* — Para não falar que as Lakelands têm as suas próprias casas de curadores.

Com um gesto de mão e um sorriso contido, Davidson inclina a cabeça. Formam-se-lhe rugas aos cantos dos olhos, assinalando a sua idade. Suspeito de que tenha uns quarenta, mas é difícil dizer ao certo.

Ele leva os dedos à fronte numa estranha espécie de saudação ou promessa. — Montfort providenciará. Planeio fazer uma petição de alguns curadores, tanto Prateados como Ardentes.

— Petição? — desdenha o Pai. Os outros Prateados igualam a sua confusão, e dou comigo a olhar de relance a nossa família para fitar Tolly nos olhos. Ele faz uma carranca. Não percebe o que Davidson quer dizer. Sinto um ligeiro baque no estômago, e mordo o lábio à sensação. De costume, o que falta a um de nós o outro providencia. Mas, nisto, estamos ambos à toa. *Bem como o Pai.* Zangada ainda que esteja com ele, isto assusta-me mais do que tudo. O Pai não nos pode proteger daquilo que não entende.

Mare também não entende, franzindo o nariz de confusão. *Esta gente*, amaldiçoo-me eu. Interrogo-me se até a mulher carrancuda da cicatriz saberá ao que Davidson se refere.

O próprio presidente solta uma casquinada. *O velho está a divertir-se com isto.* Baixa os olhos, deixando que as pestanas escuras lhe rocem as faces. Se quisesse, podia ser atraente. Suponho que não sirva, seja qual for a agenda que tem. — Eu não sou um rei, como todos sabem. — Volta a olhar para cima e dirige os olhos para o Pai, depois para Cal, a seguir para Anabel. — Eu sirvo a vontade do meu povo, e o meu povo tem outros políticos eleitos a representarem os seus interesses. Têm de estar de acordo. Quando regressar a Montfort a solicitar mais tropas...

— *Regressar?* — ecoa Cal, e Davison detém-se abruptamente. — Quando é que planeava dizer-nos isso?

Após um momento, Davidson encolhe os ombros. — Agora.

Os lábios de Mare retorcem-se. Lutando contra uma carranca ou um sorriso malicioso, não sei dizer. Mas provavelmente o último.

Não sou a única a reparar. Os olhos de Cal tremulam, olhando dela para o presidente com crescente desconfiança. — E o que faremos nós na sua ausência, Presidente? — clama. — Esperamos? Ou lutamos com uma mão atada atrás das costas?

— Vossa Majestade, sinto-me lisonjeado que considere Montfort tão vital para a vossa causa — diz Davidson, abrindo-se num sorriso rasgado. — Peço desculpa, mas as leis do meu país não podem ser infringidas, nem sequer na guerra. Não trairei os princípios de Montfort, e defendo os direitos do meu povo. Afinal de contas, eles são uma parte das pessoas

que o ajudarão a reclamar o seu próprio país. — O aviso nas suas palavras é simplesmente tão claro como o sorriso complacente ainda estampado no rosto.

O Pai é melhor nisto que Cal. Apresenta um sorriso vazio também. — Jamais pediríamos a um dirigente para se virar contra a sua própria nação, senhor.

— Claro que não — acrescenta secamente a mulher Vermelha da cicatriz. O Pai leva a sua falta de respeito na desportiva, mas apenas pela coligação. Não fosse a nossa aliança, desconfio que a mataria, para dar a todos uma lição de correção.

Cal acalma-se ligeiramente, fazendo todo o possível por manter a cabeça fria. — Por quanto tempo se ausentará, Presidente?

— Depende do meu governo, mas não conto com um longo debate — diz Davidson.

A Rainha Anabel bate as palmas, divertida. Ri-se, aprofundando as rugas do rosto. — Que interessante, senhor. E o que considera o seu governo um longo debate?

Por esta altura, sinto-me como se estivesse a assistir a uma peça representada por atores medíocres. Nem um deles — o Pai, Anabel, Davidson — confia num sopro vindo dos outros.

— Oh, anos — suspira Davidson, igualando o humor forçado dela. — A democracia é uma coisa curiosa. Não que qualquer um de vós o saiba ainda.

O remoque final é destinado a espicaçar, e fá-lo. O sorriso de Anabel gela. Bate com uma mão na mesa, outro aviso. A sua aptidão pode matar com facilidade. Tal como as nossas. Todos letais, todos com os nossos próprios motivos em jogo. Não sei durante quanto tempo aguentarei.

— Entusiasma-me vê-la por mim própria.

A temperatura sobe antes que as palavras mal saiam da boca de Mare. Ela é a única que não olha de relance para Cal. Ele lança-lhe um olhar fulgurante, os olhos chamejantes, cravando os dentes nos lábios. Ela permanece resoluta, a sua expressão prazenteiramente inexpressiva. Acho que está a seguir o exemplo de Davidson.

Levo rapidamente uma mão à boca, abafando uma gargalhada de surpresa. Mare Barrow é perversamente talentosa quando se trata de desconcertar os homens Calore. Neste ponto, interrogo-me se ela o planeará. Se ficará acordada à noite a maquinar a melhor maneira de confundir Maven ou distrair Cal.